



A CANTORA MARIA JUDICE DA COSTA

N.º 211 Lisboa, 7 de Março de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 48800 réis — Semestre, 28400 réis  
Trimestre, 18200 réis

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão *R. Formosa, 43*

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physiologista da Europa



# Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancia, chronologia e physiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamproze, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathedra, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, allemão, italiano e hespanhol. *Das consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sob-re-loja — LISBOA.* Consultas a \$5000 rs., 2500 e \$5000 rs.

glez, allemão, italiano e hespanhol. *Das consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43, sob-re-loja — LISBOA.*

# Sociedade fabricante



# DE Discos

ACABA de ser posto na o esplendido reperto dos melhores discos encontram no mercado as ultimas novidades, como: ALMA DE DIOS, NIÑO DE VALSA e muito de double face ao preço \$5000 reais cada disco grande. Discos de outras faces, muito bons de double face, grandes, a 7500. Ninguem os tem mais baratos, nem mais baratos. Pedidos á CASA SIMPLEX, BOUTIQUE, DISCOS E MACHINAS FALLANTES, de J. Castello Branco, *Rua do Soccorro, 23-B e Rua de Santo Antão, 32 e 34* quer para venda avulso como para revender.

# Os Cinco Últimos Perfumes

Rêve d'Ossian  
Convoitise  
Jardins d'Armide  
Eillet Louis XV  
Age d'Or

PERFUMARIA ORIZA  
L. LEGRAND  
11, Place de la Madeleine  
PARIS  
14-15, Conduit Street, LONDON



Princia NOUVEAU PARFUM VIOLETT 29, B<sup>e</sup> des Italiens, PARIS

# Receita para curar

Labios feios  
 > feridos  
 > fendidos  
 > asperos  
 > engelhadados  
 > seccos  
 > inchados  
 Cieiro  
 Feridas nas narinas  
 Maus cantos de bocca  
 Mucosas irritadas  
 etc., etc., etc.

Passar sobre a mucosa, levanta repetidas vezes, o

# LAPIS NAFALAN com sello VITERI

que dá ás mucosas *resistencia, brilho, cor, aroma, frescura*, e o *aspecto setinoso proprio da mocidade e da saude*. Usar em todas as pessoas que se expõem ao vento, á chuva, ao calor, ao frio, ao sol. Os *fumadores* usam-no para evitar a acção do fumo e da nicotina.

Lapis com um dedal para costura, 200 réis. Pedidos ao deposito: Vicente Ribeiro & C.: 81, R. de Figueiros, 1., LISBOA.

PARA ENCADERNAR A

# Ilustração Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o *segundo semestre de 1917* da «Ilustração Portuguesa». Preço 300 réis. Também há, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pide ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vai acompanhada do indice e frontispicios respectivos.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

LISBOA



Meio seculo de successo

# ESTOMAGO

o Elixir do D<sup>r</sup> Mialhe de pepina concentrada faz digerir tudo rapidamente GASTRALGIAS, DYSPESIAS. A venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

# A CASA DO MORDOMO-MÓR



Agora que os condes de Sabugosa deram uma festa brilhante que prendeu os olhares de toda a Lisboa, pareceu opportuno á *Illustração Portuguesa* publicar uma curta noticia ácerca da sua casa, da sua fami'ia e do seu actual representante.

E' de 1605 a construcção do antigo sítio dos Cesares, em Santo Amaro. Foi renovado em 1788 e ultimamente, em 1890, o actual conde fez-lhe importantes obras: essas datas estão gravadas n'um quadrante do relógio de sol, que existe nos bonitos jardins, restos da grande e formosa quinta que se estendia pela encosta que é hoje um vasto e populoso bairro e que eu ainda conheci tendo uma encantadora e cerrada matta de magnificas arvores.

Suppõe-se ter sido seu edificador o filho do celebre capitão de Çafim que Damião de Goes enaltece não só pela sua grande bravura e valentia como pelo muito talento e raro engenho e ao qual o successor de D. Manuel I mandou enriquecer o brazão, intercalando-lhe seis fustas no primeiro quartel, cada uma com dois pendões de purpura, um á prôa, outro á pôpa, dando-lhe por timbre uma das fustas do escudo, em memoria das tres que em tempo d'aquelle glorioso monarcha apresou intrepidamente aos mouros. Suppõe-se ainda que foi o primeiro conde de Sabugosa quem em 1788 a restaurou.

A casa, como todas as d'aquelle epoca, não tem no seu exterior nada de notavel; a sua apparencia, apesar da cor alegre de que está pintada, é severa e triste. Pesam n'ella os seculos que a teem visto, revestindo-a d'um vislumbre de poesia e saudade. Ali se acoustou o in-



1—O sr. conde de Sabugosa. 2—A sr.ª condessa de Sabugosa  
(Clichés BONONI)

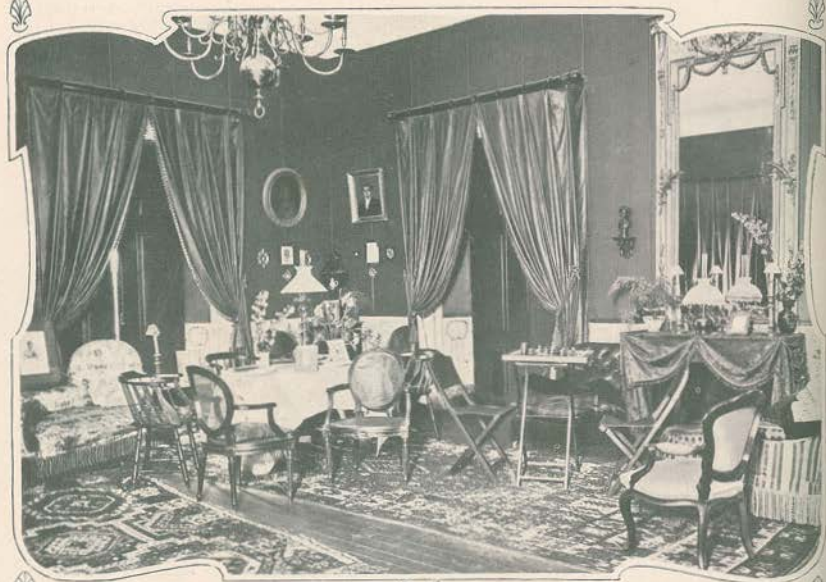
3—A sala de jantar do palacio de Santo Amaro

fante D. Pedro antes que o desterrassem para Queuz. Se aquellas paredes falassem, quanta cousa interessante e completamente desconhecida contariam!

São lindas as salas da casa Sabugosa e, apesar de vastas, não tem aquellas enormes dimensões, tão proprias das salas antigas, em que ás vezes se sente tristemente uma ingrata impressão ouvindo o ecco da propria voz, como acontece na casa dos condes de Castro Marim em Xabregas. Não. Ha n'ellas, porque é possivel dar-lhes, conforto, graça, elegancia e bom gosto. Tres occupam a frente da casa, sendo a da esquina occidental aquella em que a familia passa habitualmente o dia e o serão. A bibliotheca,

pintores modernos, de Carlos Reis e outros; um Christo de Machado de Castro, uma bella estatua de Simões d'Almeida, um cravo que pertenceu ao convento do Paraíso de Evora, etc., etc.

Quem tiver lido as nossas chronicas e conhecer a historia saberá quanto os nomes das familias S. Lourenço e Sabugosa, hoje unificados, a ella estão brilhantemente ligados. Contam-se n'esta familia vice-reis do Brazil e India, o conde meirinho mór D. Fernão Martins de Mascarenhas; Diogo Cesar, guardião do convento de Santa Maria de Jesus de Enxobregas; Sebastião Cesar de Menezes, inquisidor-mór, arcebispo e ministro de Afonso VI; Sebastião Cesar de Me-

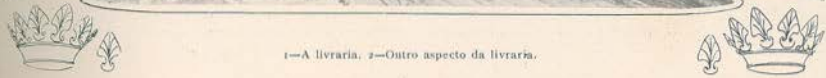


A sala verde

ca, situada no meio do palacio, não tem janellas: recebe a luz do tecto. E', para meu gosto, a mais bonita estancia da casa, a que maior antiguidade respira: dá portas envidraçadas para a casa de jantar, que é espaçosa e elegante. O vestibulo e a escadaria são soberbos e parecem talhados para grandes recepções.

Descrever meadamente os objectos de arte, louças, baixella, as raridades, os mil pequenos nadas que se accumulam na vetusta casa de Santo Amaro, seria longo e fastidioso para o leitor e quasi impraticavel para mim. Basta dizer-lhes que ha ali telas de Pelligrini, Josepha d'Obidos, Sequeira, Morgado de Setubal, e de

nezes, conselheiro de D. João IV, auctor da *Summa Politica*, ministro além de meirinho-mór, e Diogo Cesar, grande amigo do auctor de *Viriato Tragico*. Malheiro Dias cita n'uma das suas interessantes cartas de Lisboa o seguinte, a proposito d'um frade d'esta familia: «Quando frei Diogo, neto de Vasco Fernandes, o sublime espirito, depois de recebido por Anna de Austria e Luiz XIV e alojado pelo cardeal Mazarino entrando em Roma dizia: «Eu mostrarei que em Portugal ha Cesares, dos que chegam, dos que vêm e vencem!» Era com effeito um antigo romano, da natureza dos Ciceros, Crasso e Hortencios quem preferia estas palavras



1—A livraria, 2—Outro aspecto da livraria.

theatraes e orgulhosas.» E até nossos dias nunca os membros d'esta illustre familia passaram occultos ou despercebidos do publico. O marquez de Sabugosa, de quem muito bem me lembro, era um espirito de eleição, presando se de bom conversador. Alexandre Herculano, Bulhão Pato, Ayres de Gouveia, hoje arcebispo de Calcedonia, e muitas outras intelligenças de alto e grande renome compraziam-se nos serões de Santo Amaro em deliciosas palestras, que os que ainda hoje vivem relembram com saudade. Muitos e illustres homens, como tenho dito, e encantadoras mulheres teem habitado a casa de Santo Amaro. As irmãs do conde foram todas formosissimas e a senhora

Perdê-me a comparação por femi-  
nil. Os seus versos são gemmas pre-  
ciosas e a sua prosa lembra-me uma renda de  
tão delicado lavor que acho uma das mais  
gentis e graciosas.

Entre os seus versos, que são preciosidades,  
ha os da *Padeirinha* de que elle descreve com  
tão inimitavel graça o infeliz e tão apaixonado  
mestre escola, do qual diz:

A' noite no seu quarto quando o esmaga  
A solidão, e que o ciúme o gela,  
Consola-se afagando a idéa vaga  
De ensinar o latim a um filho d'ella.

Na prosa, além de artigos soltos, conta  
*De braço dado*, um estudo sobre o *Auto da*



O escri- ptorio.

condessa allia á belleza, que transmittiu  
a suas filhas, uma expressão de bondade e  
doçura que captiva quantos se lhe approxi-  
mam. Mas não são só nobres e elegantes  
figuras que o palacio de Santo Amaro encer-  
ra. Hoje ha ali um grande e original talento  
de escriptor e que merece como poucos o  
favor do publico.

Raros, como o conde de Sabugosa, nos  
dão na leitura dos seus trabalhos uma sensa-  
ção de igual valor no verso e prosa.  
Por qualquer das formas, expri-  
me-se com colorido, elegancia e gra-  
ça, a que a concisão não é estran-  
ha, e a fluencia enaltece.

*Festa*, de Gil Vicente, os *Historiadores  
Portuguezes*, *O Paço de Cintra*, do qual Sou-  
sa Monteiro no parecer que a seu respeito  
deu á Academia diz, depois de explicar a  
sua divergencia com algumas apreciações ali  
manifestadas: — *é uma bella, curiosa, interes-  
sante, viva, mobil, real successão de quadros,  
de scenas, de pessoas, que passam ante os nos-  
sos olhos, movendo ora á admiração, ora á  
piedade, despertando aqui o sorriso de malicia,  
acordando além recordação sandosa.*

Sabugosa, como todos os espiritos  
de eleição, não alardeia o seu mereci-  
mento. Já nos *Embrechados*, um en-  
cantador volume publicado ha pouco



e que, quasi de subito, conta duas edições, elle demonstra no prologo, n'um encanto de estylo e fórma, a mesma reservada e sympathica modestia terminando pela injustiça, cruel para os leitores, de suppôr que elles, em vez de lhes darem a primeira accepção da palavra que escolheu para titulo, já modesta para estes mosaicos dignos de figurar nas galerias dos mestres, lhes dariam a segunda que o auctor escolheu para, diz elle, *abertamente prevenir o leitor de que lhe ia entrar em casa um hospede importuno e enfadonho*. N'este trabalho, além de saborosos artigos ácerca de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, duqueza

de Palmella, Sousa Martins, conde de Ficalho, Antonio Candido e duque de Loulé, assumptos que elle trata com o interesse e conhecimento a que uma convivencia amiga proporcionou funda justiça de observação, traz outros sobre variadissimos themes, mas todos interessantes e magnificos, não só pelas bellezas descriptivas, como pela originalidade do es-

tylo. No conde de Sabugosa assenta como em raros, talvez só em Antonio Candido, a palavra franceza *charmeur*, que parece ter sido inventada para definir singularissimos caracteres, se quizermos encontrar applausos pelo menos entre nós, onde a irregularidade de humor é doenca endemica. A sua conversa é discreta, espirituosa, cheia de finas observações e tem uma qualidade, rarissima entre portuguezes, e que nós mulheres apreciamos além de tudo (não digo porquê): sabe escutar. Entre tantas e tantas pessoas que conheço, ainda não vi uma em quem o conde de Sabugosa não encontrasse, senão amizade e

admiração, pelo menos sincera sympathia. Esta affectuosa popularidade só molesta aos nullos que nunca excitam invejas ou então aos seres tão exuberantemente bons, que ganham contra vontade do coração, fazendo-se perdoar a maior falta aos olhos dos homens: a superioridade incontestavel e incontestada, e é este o caso do conde de Sabugosa.

MARIA  
O'NEILL.



1—A sala de família. 2—O vestibulo.

# EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE AR LIVRE.

A exposição de pintura de ar livre, afóra os seus merecimentos artisticos, tem um grande lado sympathico, o de nos dar aspectos da nossa terra, de evocar as nossas aldeias brancas, cheias de luz e de côr, de trazer para as telas as nossas camponezas de trajos coloridos e faces tismadas, os pittorescos costumes, os campos verdes, as ruas estreitas e me-

dievas das villorias.

São discipulos de Carlos Reis os expo- sitores srs. Antonio Saude, João Trigo- so e Alves Cardoso, e o mestre, para honrar esse novo certamen dos seus antigos alumnos, expôz tambem dois quadros onde vibra a nota da sua observação, executados com verda- deiro talento. Chamam- se *O Pinhal* e *Dia Cin- zento*. No *Pinhal* ha o tom verde forte, n'uma extensão larga que nos dá a impressão d'um enorme caminho por entre as arvores, ou- vindo rumorejar as

folhas, sentindo estalar sob os nossos pés as maravilhas. *O Dia Cinzento* é o contraste. São esses tons pardacentos dos dias de neves, que affligem e desesperam, que sobre a paisagem portugueza a afogam e lhe matam as graças, como nos tiram o ar. Tem-se a impressão de que esses dias, ao es-

conderem a luz, sugam a força aos ar- bustos, ás flô- res, aos homens. E o quadro de Carlos Reis dá-nos bem a visão d'um céu triste por sobre um campo que sofre, um pedaço da terra portugueza perdida sob a bruma.

O sr. Antonio Saude expôz treze quadros. Tem uma maneira ale- gre; vê-se que é um pen- insular que adora a luz e os seus deslumbra- mentos, que acha a nota propria nos assumptos. e isso nota-se logo na forma natural do seu quadro *Ribatejo*. Um campino com a sua vara ao hombro montado no cavallo por entre a pai-

## Nº SALÃO BOBONE



1—*Corvalheiras à tarde*, pelo sr. Alves Cardoso  
2—Um aspecto da exposição



zagem, com seu quê de alegre no rosto, com a esbelta linha dos maiores. Se o quadro fosse de maiores dimensões, o artista ter-nos-hia dado mais largamente os campos, e seria bem a nota d'esse Ribatejo dos gados, das bravuras e das audacias.

As ruas da Villa da Feira que pintou, com o seu sabor antigo, são bocados de valor como o *Moinho de Cercal* e a *Azenha*. O *Poente* é d'uma original maneira e vê-se que o artista se dedica largamente á analyse da natureza como verdadeiro apaixonado da sua escola de ar livre, tão interessante e tão necessaria em Portugal onde a payzagem é linda e onde ha tantos can-



lançam os primeiros vôos, entre os trabalhadores que sentem seguro o pão. E no meio de toda esta florescencia, de arvoredos em galas, dois velhos; talvez pastores, vivem, um melanchólico, o outro apontando para o arvoredo. São elles o outomno entra esta primavera. O *Caminho florido* é, como o nome indica, todo de coloridos suaves e formosos. O artista que pintou todas estas belezas procurou em outro quadro dar-nos um genero de bello differente e pintou um pedaço da costa na bahia de Lagos em que se veem os rochedos escarpados, os grandes cabeços, os pedregulhos enormes que o mar rodeia e que nos dias de



1—A Casa caiada, quadro do sr. Alves Cardoso  
2—Primavera e Outomno, quadro do sr. João Trigo

tinhas covadeiras. O sr. João Trigo tem, com outras produções, dois lindos quadros *Primavera e Outomno* e *Caminho florido*. O primeiro todo elle é alegria, um campo verde onde se vê ter chegado a primavera pelo colorido das folhas, por todo o esplendor da luz, uma primavera bem portugueza, sem falhas, toda canticos nos espaços e na terra que vibra, nos ninhos d'onde as aves

tempestade fazem espumar violentamente as ondas. Ha ainda os estudos de amendoeiras, um sobreiro, e figueiras, nos quaes o artista revela o amor pela arvore que tão encantadoramente colloca nos seus quadros.

O sr. Alves Cardoso andou por França e por Italia, lá trabalhou e fez telas que obtiveram o agrado do publico. Agora, na galeria Bobone, expõe trechos da payza-

gem do Minho e Douro. São bocados intensos de verdade, pedaços flagrantíssimos d'essa terra minhota toda de labor e de força, toda de verdura e de garri-dice. O artista dá-nos com a paizagem as suas habitantes, as mu-lheres sob os apendrados dos casebres com os seus trajos ber-rantes como n'esse lindo quadri-nho que se chama *Em dia de fes-ta*. Salta n'elle toda a alegria das raparigas que estão já antegosa-ndo o arraial, com os seus fogue-tes nos ares, toda a folia meia pagã d'uma romaria mi-nhota. *A Margarida* é



Minho. *A casa do Lopes, A Casa da tia Miquelina, A Margarida, A casa caída, Fiando*, e em todos elles ha a mesma adoravel expressão da verdade, o mesmo sol alegre, as mesmas tonalidades da terra minhota, do jardim de Portugal, que estes pintores da exposição do ar livre tanto amam. E' o que resalta dos seus trabalhos, d'essa ta-refa patriótica de tornar conhecida a nossa terra, com o ar encantador de quem a apresenta vestida da verdade, que é no fim de tudo o culto de todos os artistas.

Digna por todos os mo-tivos de ser vistada essa



uma garota garrula, vestida no seu trajo regional, carita gaia-ta que prende, attitude graciosa, sentindo-se na sua bocca a resposta prom-pta e nos modos uma tra-balhadeira que se endo-mingou. O artista trouxe da sua exc irsão documen-tos preciosos n'esses qua-dros tão bem observados, o que de resto constitue a característica dos disci-pulos de Carlos Reis.

Emfim, até os titulos d'esses trabalhos do sr. Alves Cardoso teem o sabor do



exposição da ga-leria Bobone marca um acontecimento no nosso meio artistico, onde tanto precisam ser encorajados aquelles que trabalhiam e lutam pela expressão do bello.

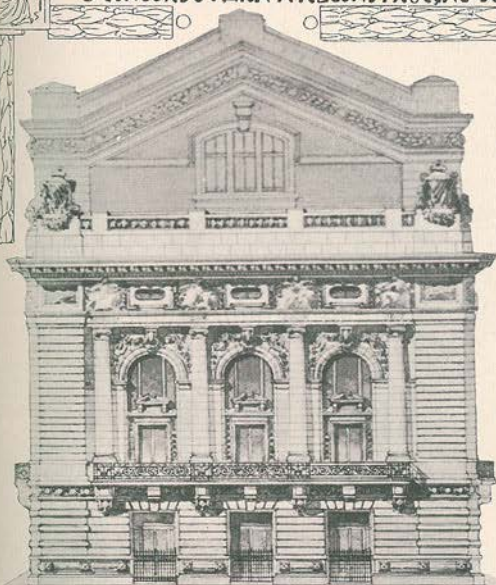
Naturalmente os distinc-tos artistas continuão todos os annos a expôr novos trabalhos, mercede-do todo o incitamento pela sua iniciativa, que será bem util á terra portugueza e á arte nacional.

(Clichés BRNOLHA.)

1—Uma rua em Picalhos (Villa de Feira), pelo sr. Antonio Saude. 2—Dia cinzento, quadro de Carlos Reis. 3—Pedaco da costa (bahia de Lagos), quadro do sr. João Trigo

# O NOVO THEATRO LYRICO DO PORTO

## O CONCURSO PARA A RECONSTRUÇÃO DO THEATRO S. JOÃO



O theatro lyrico do Porto, de que tanto falou Camillo, ardeu ha tempo e no mesmo local vae ser construido um outro cujo projecto foi posto a concurso, ten-



do obtido o primeiro premio o illustre architecto portuense sr. Marques da Silva, e sendo o segundo concedido ao architecto sr. Almeida d'Éga.

O auctor do projecto que vae ser executado obedeceu a todas as condições do concurso, devendo o novo theatro conter mil trezentos e oitenta e tres logares, assim distribuidos: primeiro balcão, cento e cinquenta; frizas, setenta e dois; camarotes de primeira ordem, cento e quarenta e quatro; camarotes de segunda, setenta e dois; balcão, cento e quarenta e dois; galeria, quatrocentos e vinte; camarotes de bocca, cincoenta e quatro. O theatro tem tambem uma tribuna real. As escadarias são elegantes, deixando vêr de baixo quem por ellas circula, havendo tambem escadas especiaes para as galerias com entradas exteriores e independentes. Os motivos da decoração devem ser—segundo o architecto—puros e graciosos. Fez um interior Luiz XVI, e os ornatos recordam trechos decorativos de Versailles, apparecendo, cheios de mimo e leveza, bustos de creanças, grinaldas, mascaras e allegorias do mesmo genero gracil.

Um espaçoso foyer está no plano das primeiras galerias, havendo tambem um terraço em cimento vulcanico, em substituição de telhados decorativos. A fachada indica d'uma forma expressiva qual o destino do edificio, sendo realmente um lindo projecto. O orçamento do theatro é de 99.500\$ 000 réis.



1—A fachada principal, projecto do architecto sr. José Marques da Silva, que obteve o 1.º premio  
2—O architecto sr. José Marques da Silva. 3—A fachada lateral do projecto premiado do architecto sr. José Marques da Silva.

Ultimamente levantou se uma questão ácerca da originalidade do projecto, dizendo-o baseado no do theatro de Amiens. O sr. Marques da Silva, entrevistado por um jornalista, declarou que se em qualquer edificio buscou inspiração para a sua obra foi nos motivos de Versailles mostrando que o palco do theatro de Amiens não toma toda a largura do terreno onde está construido e tem camarins lateraes, o que não succede com o seu projecto, sendo tambem absolutamente diferentes os dois aspectos. O futuro theatro pôde recordar a sala do antigo

S. João com as frizas collocadas semilhamemente; o theatro de Amiens tem o balcão avançando sobre a sala e deixando as frizas no escuro. Mostrou o plano do theatro Amiens em paralelo com o seu, desde a fachada aos interiores, tendo o jornalista, que confrontou ambos, declarado achar que os detalhes diferem profundamente.

Na verdade o sr. Marques da Silva, artista por todos os motivos illustre, escusaria de recorrer ao trabalho alheio pois a sua obra anterior attesta magnificamente os seus talentos. A elle se de-



vem alguns dos mais bellos edificios do Porto moderno, destacando-se o da estação do caminho de ferro que se impõe pela sua belleza e pela excellente construção. O futuro edificio do theatro lyrico, feito sobre o projecto notavel do illustre architecto será mais um embelezamento para a capital do norte e ao seu auctor deve ser grato o acto de justiça que, concedendo-lhe o primeiro premio, o faz concorrer para alindar a cidade do trabalho.

O theatro de S. João renasce, conserva as suas tradições, dentro em pouco encher-se-ha com a multidão elegante que enganalará com os seus trajos o

lindo interior Luiz XVI que o architecto concebeu; encher-se-ha de luz, de ruido, de festa, fazendo olvidar o desastre antigo, ao reaparecer mais bello, com a sua fachada artistica, com as suas commodidades modernas e sem duvida com as condições acusticas proprias d'um magnifico theatro lyrico.

Pelo projecto do sr. Almeida d'Eça, que recebeu o segundo premio, o theatro comportaria mil duzentos e quarenta e trez logares. Apareceram ainda mais cinco projectos dos srs. Correia da Silva, Coffino, Augusto Pina, Roberto Fino, Tertuliano de Lacerda e Costa Campos.

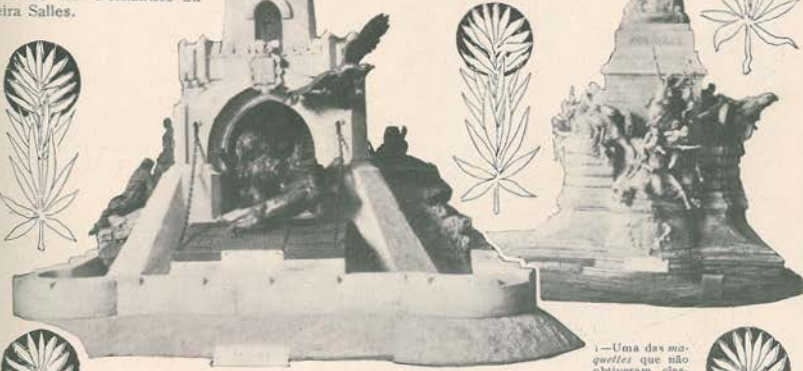


1.—Fachada principal do projecto do architecto sr. João de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, (2.º premio)  
2.—Fachada lateral do mesmo projecto.

# O CONCURSO PARA O MONUMENTO DA GUERRA DA INDEPENDENCIA NA CIDADE DO PORTO



No concurso para o monumento da guerra peninsular, que se deve erguer no Porto, obtiveram o primeiro premio o escultor sr. Alves de Sousa e o architecto sr. Marques da Silva, auctor tambem do projecto premiado do theatro lyrico. O segundo premio, um conto de réis, foi concedido á *maquette* do illustre escultor Teixeira Lopes e de seu irmão o architecto José Teixeira Lopes. O terceiro premio, seiscentos mil réis, foi conferido á *maquette* do escultor sr. Gonçalves da Silva. Concederam-se menções honrosas ás *maquettes* dos srs. Francisco Franco, escultor, e José Pacheco, architecto, e á dos srs. Fernandes Sá e Pereira Salles.



mais se destaca entre os projectos concorrentes pela sua audaciosa concepção. 2.—A *maquette* do escultor sr. Antonio Teixeira Lopes e do architecto sr. José Teixeira Lopes, que obteve o 2.º premio. 3.—O escultor sr. Alves de Sousa. 4.—A *maquette* do escultor sr. Alves de Sousa, pensionista do Estado em Paris, e do architecto sr. Marques da Silva, que obteve o 1.º premio.



O sr. Alves de Sousa é pensionista em Paris e foi discípulo de Teixeira Lopes, fazendo honra ao mestre com o seu magnífico trabalho. O monumento é uma grande columna com uma soberba decoração allegorica da guerra peninsular. No alto um leão domina a aguia franceza e no pedestal grupos de soldados e populares unem-se para a defeza.

O monumento tem uma

linha imponente, as suas figuras são bem lançadas, bem definidos os symbolos da lucha travada no Porto contra os soldados de Napoleão, que por uma manhã de março entraram de roldão pela porta da Prelada, afugentando o povo que corria para as bandas do rio, emquanto do Pilar os monges faziam fogo d'artilheria. E' toda a colera da gente do Norte contra os soldados invasores o que ali claramente se exprime nos modos, nas attitudes dos grupos, n'aquelle leão contra aquella aguia. Em definitivo deve ser uma obra digna do fim que comemora e



propria de um discipulo do illustre escultor Teixeira Lopes, a quem se devem tantas obras primas.

O projecto do escultor sr. Teixeira Lopes é um castello medieval no alto do qual está um grupo que representa o Porto com as suas armas de guerra. Paira sobre elle a Victoria e na ponte levadiça do seu castello tres leões perseguem a aguia do imperio, que esvoaça já tocada pelos defensores. Soldados e povo unem-se tambem na defeza. No lado opposto uma mulher sobre uma carreta tem uma attitude heroica a animar um homem do povo para que se vá bater. Por terra está um monge, ferido ou morto, representando a parte activa que o clero tomou no incitamento á defeza do Porto contra os francezes em 1809.

O sr. Gonçalves da Silva, que obteve o terceiro premio, fez uma

maquette com figuras symbolicas



1—Outro projecto. 2—Projecto do escultor sr. Pinto Couto. 3—O projecto do escultor sr. Gonçalves da Silva, que obteve o 3.º premio



d'um bello effeito. Uma nota commovedora apparece n'esse trabalho realçando bem os males da guerra, o que exprime o enternecido espirito do artista. E' uma mãe, angustiada, n'aquelle fragor de batalhas sem fim, apertando contra o peito o filhinho por cuja vida receia. Sob um portico mais além par-



exemplo no do sr. Francisco Franco, que recebeu uma menção honrosa e tem trechos de poderosa originalidade.

A *maquette* enviada pelo sr. Pereira Salles tem no pedestal um grande movimento de multidão, o que caracterisa a maneira ousada d'este novo escultor, como se viu no seu trabalho enviado á commissão do monumento da guerra peninsular e que esteve exposto na Sociedade de Geographia.

Além de nos dar uma obra definitiva de um novo escultor, este concurso teve a grande vantagem de nos revelar alguns artistas de valor, que no futuro hão de elevar a arte portugueza.

sa, afirmou o seu talento e o aproveitamento das lições do seu mestre, que se deve sentir honrado por ser ainda um dos seus discipulos que obteve a primeira classificação n'um concurso tão disputado como foi este do monumento da guerra peninsular.

Nos outros projectos ha causas boas que denotam da parte dos seus auctores grandes qualidades como por



1—Projecto do escultor sr. Fernandes de Sá.  
2—Projecto do escultor sr. Germano Salles.  
3—Projecto do escultor Francisco Franco.

te um exercito em retirada, roto, vencido, d'armas quebradas. São os francezes que deixam Portugal; mas isso não impede que a mãe receie pelo filhinho.

O jury que conferiu estes premios foi composto pelos srs. general Rodrigues da Costa, Velloso Salgado, Ventura Terra, João Augusto Ribeiro e José Alexandre Soares.

D'uma forma brilhante o sr. Alves de Sou-



# OS GRANDES SUPPLICIOS



As sociedades actuaes declaram que é necessario haver humanidade até no castigo. Põem de lado — dizem — a crueza antiga, os supplicios que se inventavam para gaudio das turbas ou para delecte dos tyrannos, mas mettem nas suas leis, inscrevem nos seus codigos outros mais de ordem moral do que physica, alguns dos quaes os equivalem.

Nas epocas barbaras ligava-se o paciente a uma arvore, desnudado, untava-se com mel o seu corpo e expunha-se assim á multidão, que o via dentro em pouco contorcer-se á medida que chegavam os insectos para o devorarem lentamente. Bandos negros de formigas torquem-lhe as carnes, insinuavam-se nas suas orelhas, nas palpebras, na bôcca, mordiam-n'o de parelha com os



moscardos avidos; as vespas ferroavam-no, pequenos insectos de toda a ordem chegavam a devoral-o. Assim, durante dias, curtido aos soes, o desgraçado sentia debaixo da sua pelle a legião e expirava de fome sendo torturado a servir de pasto a esses animalculos. Em Roma lançavam-se homens e mulheres ás feras, no meio dos circos, ante a gargalhada cruel do povo, deante dos Cesares que sorriam olympicos e devassos, olhando os corpos claros das virgens que as pantheras iam dilacerar n'um instante. As garas das feras, dos leões e dos tigres, esfaimados, rasgavam as pelles, o seu halito ardente fazia tremer os condemnados e por fim os seus dentes remordiam os corpos ante a grande alegria do circo entusiasmado. Al-gumas ti-

1—O carcere duro de Mantua (quadro de G. Romano)  
2—O garrotado de Goya (gravura da Academia de Bellas Artes)



nham requintes. Namoravam a presa, com os seus olhos de braza, aproximavam-se lentamente, em passadas de veludo, rugiam a mostrarem as guellas vermelhas e ao cabo d'uns momentos, n'um salto, começavam a obra. Era então que o povo delirava, applaudindo a fera, chasqueando da victima. S. Sebastião serviu d'alvo aos algozes, o seu corpo foi crivado pelas frechas; Santa Agatha soffreu o martyrio doloroso de lhe arrancarem os seios com tenazes. O seu lindo corpo tinha apenas estremecimentos, os



que não acreditavam nos seus dogmas.

Nero quiz dar uma festa nos seus jardins para lá do Tibre. Não havia festa sem supplicios. Os romanos tinham feito dos martyrios dos desgraçados espectaculos com que calavam o povo. Era necessario illuminar os jardins do tyranno e então amarraram-se ás arvores milhares de christãos, vestiram-lhes tunicas molhadas em azeite—a tunica molesta—e quando a noite cahiu largaram-lhes o fogo. Assim illuminados os jardins, o impedor passou de corrida con-



1—*Apollo e Marynas*, por Guido Ruiu  
2—*A degolação dos innocentes*

seus olhos formosos deixavam cahir algumas lagrimas, soffria mais pelo pudor do que pelo supplicio, o que é o segredo dos illuminados, dos adeptos d'uma grande fé, dos devotos d'uma idéa. O consolo moral de morrerem pela sua religião aplaca, anestesia-lhes muito as dores physicas. O supplicio do fogo, de que a Inquisição tanto abusou, tambem foi applicado em Roma a esses christãos cuja igreja mais tarde—á maneira do Anti-Christo—devia suppliciar os



2—*Os Commeneros de Castella*, quadro de Gisbert, existente em Madrid no palacio das Côrtes

duzindo a sua quadriga no meio dos archotes humanos. As damas patricias riam e as carnes dos desgraçados rechinavam, as chammas subiam e pareciam levar para o céu aquellas almas, tomavam formas epilepticas de braços que se contorciam, de cabeleiras que esvoejavam antes de desaparecerem, de corpos que se moviam, partidos os liames, como em corrida de fachos de poucos instantes. N'aquelle logar já Caligula mandára decapitar, á luz de archotes resinosos, umas centenas



de personagens consulares, de damas romanas e de senadores.

A cicuta de Sócrates é um mimo diante d'estes horrores.

Em Portugal tambem houve por vezes supplicios crueis. D. Pedro — a quem chamaram o justicheiro — mandou castrar o mais bello dos seus pagens, Affonso Madeira, e abandonal-o n'um campo. O desgraçado, roido de rai-va, cheio de dô-res, roçava-se, louco, nos mattagães bravios. D. João II mandou decapitar o du-que de Bragança. Collocada a cabeça no cepo,

um machado que o car-rasco alteou e baixou con-

summuu este genero de supplicio applicado durante muitos seculos á nobreza criminosa. Para os plebeus havia a forca, o lume, as torturas dos inquisidores. Os dominicanos foram uns gran-



1—S.<sup>o</sup> Sebastião, quadro de Antonette de Messine. 2—O brazero, de Miguel Angelo  
3—A morte de Hippolyto, gravura da Academia de Bellas Artes.

des cultores do supplicio. Lidados nas chronicas antigas, sabiam como se punia n'outras edades, e então excediam os barbaros com os seus tratos de polé. Eram varios os seus castigos, tinham vasto catalogo de torturas antes do horror do fogo na praça publica, aos vivas da ralé, ante os sorrisos dos senhores reis fanaticos. A gota d'agua pingando segundo a segundo sobre uma cabeça, descendo methodica e implacavel, acabava por ser como um peso, fazia martellar o cerebro, causava allucinações, dava a impressáo que penetrava e por fim enlouquecia; os borzequins de ferro, com que se apertavam os pés, eram



lhe as cannas das pernas e dos braços, depois amarraram-no a uma roda para o queimarem vivo. Dois dos seus creados foram amarrados a postes e queimados, outros estrangulados para logo as suas carnes rechinarem no fogo. Eram muitos supplicios applicados aos mesmos condemnados. Mais tarde devia acabar o garrote até ha pouco ainda usado em Hespanha. Tratava-se do baraço que ia sendo enrolado, por meio d'uma roda, ao pescoço do condemnado, preso a uma columna. Começava por se fazer vermelho na estrangulação, depois as suas faces arroxecavam-se, os olhos saíam-lhe das orbitas n'um espasmo,



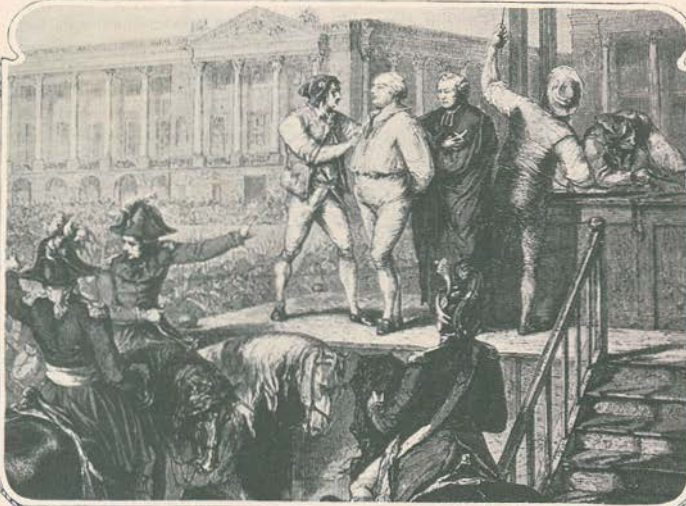
1—A decapitação de Guilherme de Pommiers e d'um seu escudeiro. 2—O martyrio de Santa Agatha (Quadro de Piombo)

tambem objecto da sua paixáo de algezes; o chumbo derretido caíndo na bocca do paciente, o desconjunctar dos ossos, o caminhar sobre ferros candentes, tudo isto estava indicado pelos inquisidores peores do que o Anti-Christo martyrisador dos primeiros christãos. E' sempre assim. Uma idéa vencedora torna-se em tyrannia peor da que derrubou.

Fombal, que reduzira os poderes da Inquisição, inventou tambem torturas inquisitorias para expór no patibulo de Belem. Os Tavoras tiveram publicamente o mais horrivel dos castigos. A José de Mascarenhas quebraram-

a lingua pendia-lhe anegrada da bocca contorcida. O genio de Goya deixou-nos um d'esses supplicios.

Volvidos os tempos sobre aquelles tremendos supplicios, depois de Damiens, que ferira Luiz XV, ter sido esquartejado, depois de torturas sem conto; de Antonio José da Silva ter sido queimado, do mundo se ter enchido de gritos de dôr nas horas dos supplicios atrozes, deliberou-se tornar mais rapido o castigo. E veio Guillotin, com o seu aparelho, a guilhotina. E' rapido. O paciente deita-se n'uma prancha, um cutello desce rapidamente,



mal fãisca ao sol e uma cabeça rola. Diz-se que as cabeças d'alguns guilhotinados tem ainda vida quando caem no cesto. Se assim é, Luiz XVI, n'esses curtos instantes, lamentaria ter encorajado o auctor da machina que o devia suppliciar. Um mar de sangue saiu d'esse cutello, onde, se a tortura apparente não existe, ha, no dizer d'alguns medicos, uma tremenda tortura real.

Mas dia a dia tratava-se de ser mais humano. Já ninguem é lategado na praça



1—A morte de Luiz XVI 2—Martyrio de S. Lourenço, por Rubens. 3 — O homem das dôres, de Durer.— Clíchés de BESNOLIEL.)

publica. Já não se queimam os criminosos. Jesus, que não foi o unico crucificado, falou aos homens. A religião, que tantos supplicios inventou, interveiu. A America, amiga da

rapidez, inventou, com o telephone e com o comboio electrico, a morte pela electricidade. A França conserva a guilhotina e mata os criminosos no pateo d'uma prisão. A Hespanha fuzilou ha mezes Ferrer. Em Portugal a pena de morte está abolida. A Europa clama que é necessario ser humano mesmo nos castigos e inventou as penitenciarias. No fundo d'essas cellas é maior ou menor o supplicio? Sabe-se que veem de lá legiões de loucos. Aboliram-se os velhos processos, eis tudo. Já não se agarra n'um pensador para o pregar n'uma cruz com cravos, para o crivar de insultos, atachando-lhe na cabeça a corôa de espinhos, infligindo-lhe a tortura physica, a morte em convulsões, que a sua crença torna menos dolorosa. Mas o

Existe ainda, por outros modos, o mais celebre de todos: o de Tantalos, que no meio d'um rio via as aguas fugirem aos seus labios sequiosos, que, junto das arvores de fructo, as via altear-se, zombando da sua fome, que via as mais limpidas fontes sem poder beber, os melhores manjares sem lhes poder tocar, que, semi-morto de sede e de fome, parecia-lhe ir gosar, enfim, o consolo de beber e de comer e não o conseguia.

Não é verdade que ainda hoje ha gente a quem succede o mesmo?!



# A VISITA DE EL-REI À ALFANDEGA DE LISBOA



primitivos, prometendo recommendar urgencia nos melhoramentos a fazer.

O sr. ministro da fazenda e os srs. conselheiros Calvet de Magalhães e Augusto José da Silva, acompanharam o chefe de Estado durante a visita, assim como todos os funcionarios superiores em serviço na alfandega. O ultimo local que el-rei visitou foi a casa do piquete, onde se



O chefe do Estado visitou no dia 25 de fevereiro a Alfandega de Lisboa, percorrendo todos os armazens, casa do tráfego, secretarias e archivo, onde esteve analysando alguns documentos curiosos e entre elles o foral da alfandega. Ao ver os guindastes da descarga, o soberano declarou-se muito



esteve informando ácerca da forma de verificação de bagagens. No muzeu esteve vendo osapparelhos com que os contrabandistas teem ludibriado o fisco, entre os quaes ha alguns na realidade engenhosos, sendo-lhe todas as explicações dadas pelo director d'aquella casa fiscal.

◆◆

1—El-rei passando junto ao guindaste, 2—El-rei depois da visita acompanhado pelos funcionarios superiores d'alfandega e tendo á sua direita o sr. ministro da fazenda e á sua esquerda o sr. conselheiro Calvet de Magalhães, 3—El-rei no archivo. (Clichés BENOLIREL)

# UMA OBRA-PRIMA DE MALHÕA

O fado que tantos artistas tem inspirado, a melopea triste para que os maiores poetas portuguezes teem feito versos, tentou agora um grande pintor, Malhõa, que achou no fado que uns dedos dedilham e no fadario d'uma perdida o motivo do seu mais recente quadro, que é uma obra prima. As figuras d'essa tela forte e impressiva vão

o livro e o theatro as desdenha, são as personagens caracteristicas d'um meio ficando vivas n'um quadro de mestre. E' bem aquella a realidade d'alguns momentos n'alfurja onde essas almas se acalmam das desditas ouvindo o fado que diz da sua má sorte e em que todas as trovas são de perdão. Foi isso o que Malhõa admiravelmente exprimiu na



1.—O quadro: *O fado*  
2.—O artista: José Malhõa.

a desaparecer dia a dia, apaga-se aquelle caracter que as tornava lisboetas e o artista fixando-as no seu quadro, com uma superior mestria, conservou-as para sempre, porque esse trabalho é dos que ficam, não só pela sua execução soberba, mas tambem pelo seu pittoresco assumpto. São as baixas camadas sociaes tentando o pincel de Malhõa, n'um periodo em que



(Clichés de BENOISTE)

attitude sombadora e encantada com que ella escuta o fado triste, que elle vae tocando e cantando, os olhos meio cerrados, vencido tambem pela languidez da canção, que nenhum portuguez pôde ouvir friamente.

O quadro de Malhõa foi enviado ao *Salon*, onde receberá sem duvida a consagração bem devida a essa obra prima do illustre pintor portuguez.

# LÁ POR FÓRA



UM CONCURSO ORIGINAL. — A cabelleira mais bella de que havia noticia era a de Berenice, rainha do Egypto, que deliberára offerecel-a a Venus, se seu marido ficasse vencedor na Syria. Com effeito depòl-a aos pés do altar d'onde desapareceu, dizendo lisongeiramente o astrologo Conon que ella tinha ido para o céu e dando á constellação das sete estrellas, que descobrira, o nome da rainha. Pois agora surgiu, em Berlim, uma cabelleira que tambem deu que falar; mede 1<sup>m</sup>,94 centimetros e alcançou o primeiro premio n'um concurso sobre o comprimento dos cabellos, onde houve grande numero de concorrentes.

1—Uma praça de Londres n'um dia de nevoeiro Instantaneo obtido ao meio dia, em frente da egreja de S. Paulo (Cliché WORLD'S GRAPHIC PRESS PARIS) 2—Um concurso original: As tres premiadas estando no fim a que obteve o primeiro premio (Cliché DELIUS).



1 — A Tuna de Valladolid e a Tuna Académica de Lisboa no jardim do consulado de Hespanha. (Entre os presidentes das duas Tunas os srs. condes de Torrijos)



2 — O centenario do conselheiro Nicolau Anastacio Bettencourt em Angra do Heroismo.



1 — O cortejo cívico saindo do edificio da Caixa Economica de Angra para inaugurar a lapide commemorativa.

2 — A cerimonia da inauguração da lapide na casa onde morreu o conselheiro Nicolau Bettencourt.



Trindade Coelho

O dr. Henrique Trindade Coelho, filho do illustre e malogrado escriptor, acaba de publicar volume de correspondencia e a autobiographia do auctor dos *Mens Amores* e do *Manual Politico do Cidadão Portuguez*.

em homenagem á memoria de seu pae, acompanhado de um estudo magistral de D. Carolina Michaëlis, um volume de correspondencia e a autobiographia do auctor dos *Mens Amores* e do *Manual Politico do Cidadão Portuguez*.



# EXPOSIÇÃO DE JOÃO VAZ

João Vaz é o artista inconfundível das marinhas, dos trechos melancólicos das praias, das cousas do mar, tão portuguezas, tão rudes e tão bellas ao mesmo tempo. A tendencia do pintor marcou-se com os seus primeiros trabalhos e, agora



consagrado, são ainda o assumpto da sua paixão essas beiras da agua onde faz reflectir tão bem os objectos das margens que nos dão a sensação da verdade. Os seus barcos d'agua acima, de velas triangulares, as muletas do pescado, as canoas que trazem



1—O sr. João Vaz. 2—Concertando as rdes. 3—Albarquei (Sétubal)



ainda na prôa como uma cabelleira mero verigia e nos lados olhos pintados como nos leivros northmandos, teem nas exposições onde o artista figura, um publico que lhes é fielmente devotado e que admira esses trabalhos tão cheios de pittoresco e tão nacionaes.

A exposição que João Vaz fez este anno no seu atelier de Xabregas é, como sempre, encantadora. Lá estão os quadros do seu genero, as

margens do Sado e do Tejo, com os molinhos nos claros das areias, mirando-se nas aguas de quietação tanto do agrado d'este pintor da placidez e as praias visinhas de Lisboa, trechos bem escolhidos, onde se nos vão os olhos, e que são a affirmação do talento do illustre pintor, que encontra nos seus ocios de director da Escola Industrial Affonso Domingues, o tempo preciso para fazer essas telas tão caracteristicas.



1—Molinhos abandonados. 2—Barraças de pescadores.  
(Clichés de BRNOLIEU.)

# Chapéu de Verão



Modelos da casa Dreyfus  
& Rehfeld

1—Chapéu de palha castanho  
guarnecido de penas clari-  
ras

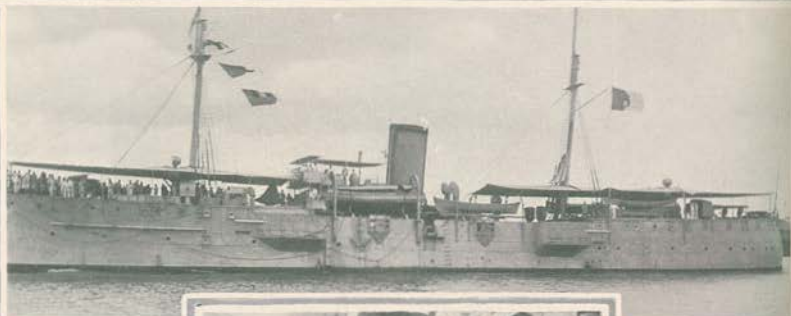
2—Chapéu *Rajah* guarnecido  
de penas de avestruz e  
cabochon caindo sobre a  
testa

3—Capota de palha guarne-  
cida de fios de perolas

4—Chapéu *Marquez* em palha  
preta guarnecido de rosas  
de fita cõr de salmão

(Clichés DELIUS)

# O S. GABRIEL NO PORTO DE SANTOS

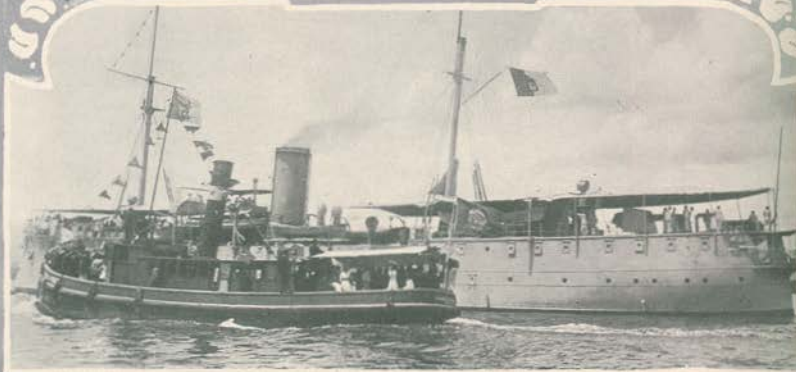


O *S. Gabriel*, na sua viagem de circumnavegação, fundeou no porto de Santos, onde a sua tripulação foi alvo das maiores deferencias por parte da colonia portugueza e das auctoridades brasileiras.

A commissão dos festejos photographou-se em grupo com os officiaes do navio, ficando ao centro o sr. Pinto Bastos,



commandante do *S. Gabriel*, tendo á sua direita o immediato e o sr. José Antonio d'Araujo, presidente do Real Centro Portuguez. A sua esquerda ficaram o vice-consul de Portugal, sr. barão de Lourenço Martins, o engenheiro chefe do navio e o sr. Monteiro Morgado, presidente da Sociedade Colonial Portugueza.



1—O *S. Gabriel* entrando no porto. 2—A officialidade e a commissão dos festejos. 3—O *S. Gabriel* recebendo a visita da commissão de recepção e os seus convidados.

# BARTOLOZZI · EM · PORTUGAL ·



O maior desgosto, talvez a maior perda que Bartolozzi experimentou na vida foi a morte do seu querido amigo, do seu companheiro dos velhos dias de Florença, do constante collaborador em Inglaterra, de Giovanni Battista Cipriani, fallecido em Hammersmith, a 14 de dezembro de 1785.

Entre estes dois homens existira a mais estreita intimidade durante muitos annos. Da harmonia de suas ideias resultára a mais perfeita fraternidade na historia de arte.

Bartolozzi devia muito a Cipriani, mas Cipriani não devia menos a Bartolozzi.

E' difficil marcar precisamente a linha divisoria entre a composição de um e a gravura do outro. Seus nomes hão de ficar ligados e enquanto houver quem se lembre d'elles e enquanto as obras d'arte assignadas por estes dois artistas forem devotamente apreciadas por todos os que amam a belleza das gravuras do seculo XVIII.

A morte d'este bom amigo e a sahida de Inglaterra de seu filho Gaetano, acompanhado de



toda a familia, foram, sem duvida, pungentes desgostos, que muito abateram o espirito de Bartolozzi.

Sentia-se isolado e sentia-se velho.

E' razoavel tambem suppôr que o seu peculio não seria tão avantajado como já o fôra. Houve uma epoca em que elle brilhou como astro de primeira grandeza no ceu da arte de gravar.

Mas fez escola e d'essa escola sahiram muitos discipulos illustres, agora seus rivaes e competidores, com os quaes se repartia o favor do publico.

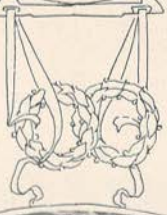
Sem duvida tambem a sua mão não tinha já a mesma firmeza, o seu entusiasmo não era tão vivo: o trabalho rendia

menos.

Generoso para com todos os amigos, prompto estava sempre para servir com o seu trabalho aquellos que lhe pediam um obsequio ou que elle desejava favorecer.

Pouco valor ligava ao dinheiro.

Apesar do grande exito que alcançou, talvez Bartolozzi sentisse não ter recebido pela sua obra um galardão official, talvez tambem, com o pessimismo da idade avançada, pensasse,



1 — Retrato de Bartolozzi pintado por P. Violet, gravura de J. Bouillard

1 — O genio inspirando as artes. Desenho de Benjamin West, gravura de Bartolozzi

por vezes, que tinha desperdiçado o seu grande talento, produzindo o que, afinal de contas, não era trabalho original e grandioso como o dos mestres da Italia, os grandes pintores... Com estas e outras idéas sombrias entrou de transformar-se n'um individuo irrequieto, desasocgado e descontente.

A oportunidade de se lançar em nova esphera de actividade e de ganhar novos louros de gloria, veiu tentá-lo nos ultimos annos da vida. Ha 58 annos que residia em Inglaterra e contava 75 annos de idade.

Recebeu um convite, tres vezes repetido, do Principe Regente em Portugal, para fundar uma escola de gravura em Lisboa.

Promettia-se-lhe uma bõa pensão e as honras de fidalgo.

Bartolozzi sentiu-se naturalmente lisongeado.

Embora fôsse um homem modesto, tinha o orgulho de todo o artista que, conscio do seu valor, se julga com o direito de exigir que lh'o reconheçam.

Depois de algumas hesitações e provavelmente contra a opinião de amigos que muito estimavam e admiravam o mestre e temiam pela sua saúde, Bartolozzi deixou a Inglaterra a 2 de novembro de 1802 para nunca mais voltar á sua patria adoptiva que tinha sido theatro de seus longos e laboriosos traba-

Lisboa foram de satisfação.

N'este paiz para onde me trouxe o destino, no decurso da minha vida, tenho recebido de toda a gente o mais lisongeiro acolhimento. A cordialidade, a affabilidade com que me tem distinguido e seus fidalgos mais illustres ultrapassam tudo quanto eu mais ardentemente podia esperar. E isto ainda é para mim mais lisongeiro pensando que ha já bastantes annos não estava acostumado a ser recebido com tão amavel benevolencia por aquelles que eu considero meus superiores. Deve a honra de jantar com algumas das pessoas mais gra-

das d'esta terra e amanhã estou convidado para casa do primeiro ministro a quem vou ser apresentado. Estou completamente satisfeito e espero em Deus poder mostrar, pela minha boa vontade e apegar da minha avançada idade, a gratidão de que me acho possuido pela maneira como todos os meus amigos se comprazem em distinguir-me.

Esta carta é a de um homem velho, sensibilizado por lhe terem reconhecido a sua vida de labor toda consagrada ao culto da arte. Como italiano que era gostava das exteriorizações da consideração e dos elogios vehementes e gentis que os latinos tem tanta facilidade em prodigalisar e que, por certo, para quem os recebe sempre são muito agradaveis e ba-



lhos e que tanto lhe devia no aperfeiçoamento do seu gosto artistico. As primeiras palavras que escreveu de

tas vezes considerados como raios de sol que veem illuminar as negruras da vida. Fizeram-no fidalgo,

1.—Belleza de S. Giles. Pintura de G. H. Benweil, gravura de Bartolozzi.  
2.—O Juizo de Paris. Desenho de Angelica Kauffman, gravura de Bartolozzi.

o que muito lhe agradava. Hoje ninguém se lembra já dos seus títulos de nobreza.

Viveu em Lisboa com relativo conforto, apesar do governo português lhe pagar tão sómente 100 libras por anno, como director da Escola de gravura lisboense.

Um inglez, seu amigo, que um dia o encontrou mostrou-se muito admirado ao saber que elle ganhava tão pouco ao passo que em Inglaterra podia auferir 1:000 libras annualmente.

«Ha! Ha!», exclamou o velho

Bartolozzi com bom humor, em Inglaterra pouca importancia ligaram ao meu talento e pequena consideração me davam a despeito de andar esfaçado de trabalho! Aqui vou ao Paço, vejo o Rei, tenho muitos amigos e ganho o bastante para cuidar bem de minha

casa e para comprar o meu vinho. Em Londres não me chegava quasi para uma caneca de cerveja ou um copito de Porto».

Este paralelo é muito verdadeiro, pois ainda hoje ha sitios no continente onde um homem pode viver como um lord, respeitado por todos e permitindo-se uns certos pequenos prazeres da vida. Em Inglaterra nas mesmas condições pecuniarias teria de viver n'uma rua estreitissima dos arredores de Londres com uma criada apenas—mã cozinheira, provavelmente, e talvez sem que ninguém na vizinhança se lembrasse de ter a mais leve sombra de interesse pela sua pessoa.

Diz-se que, em Lisboa, Bartolozzi causou a admiração dos discipulos e, em geral, de todos os artistas portuguezes, pela destreza com que manejava o buril e pela celeridade com que trabalhava. Como, porém, sua idade era já avançada, essa actividade não podia naturalmente durar muito tempo.

Aos 80 annos começou a mão a hesitar-lhe, a tornar-se mais pesada ao mesmo

tempo que um pouco tremula, o cerebro enfraqueceu e a memoria principiou de falhar.

Um inglez que o veiu visitar a Lisboa no mez de março de 1814, já fala d'elle com certa amargura. Ainda o achou trabalhando, curvado sobre uma grande chapa de cobre onde gravava a cabeça do

duque de Wellington, mas physicamente estava tão fraco e tão abtido que lhe custava a atravessar o quarto de um para o outro lado. Por vezes tinha distracções durante a conversa e não era capaz de se lembrar de cartas recentes e importantes que lhe tinham dirigido.

Completava n'essa occasião 86 annos e era espantoso que n'esta idade pudesse trabalhar.

Uma carta por elle escripta n'essa epoca é cheia de amentações: diz que está só, po-

bre e julga-se esquecido e abandonado. Fala das suas enfermidades que o privam de sahir: «Tenho as pernas tão fracas e as ruas estão tão más que a todo o momento corro o risco de cahir.» Agradece a um seu discipulo (J. Minasi) uma carta que lhe trouxe grande consolação, por lhe provar que elle Minasi ainda não tinha olvidado «um pobre velho de quem ninguém se lembra e, contudo, você nem sabe que trabalhei muito e espalhei muitas obras. Agora são desprezadas, mas é o que succede quando se attingue a idade de 80 annos. Entretanto conceda-me Deus a graça altissima de me deixar continuar a fazer alguma coisa.»

Desejava muitissimo voltar para Inglaterra, esse bom paiz onde trabalhou tanto tempo, e lamenta-se de não poder satisfazer tal aspiração por causa do seu estado de saude e de falta de forças.

Com pessimismo, desculpavel ao velho mestre na sua idade avançada, tinha a certeza de que não lhe seria possivel obter alli um emprego, sobretudo pelo motivo de existirem já na Gran-Bretanha homens eminentes na sua arte. Isto era perfeitamente verdadeiro. Seus dias de gloria estavam findos. Homens mais novos, os que elle tinha ensinado, occupavam o lugar de Bartolozzi.

Lamuriosamente continua assim a queixar-se: «alguns negociantes, que você bem conhece, adquiriram fortunas com os meus pobres trabalhos; agora não ha fortuna a fazer. Contudo, já que a Divina Providencia fez o grande milagre de nos mandar a paz, deixemo-nos embalar pela esperança de que as circumstancias da minha vida tambem mudarão.»



1—Galathea. 2—Menino brincando com uma borboleta. 3—Menino brincando com uma pomba. 4—Tyfo de belleza. Desenhos de Cipriani. 5—Tyfo de belleza, de A. Kaufman, 6—Capão e Psyche, de Cipriani, gravuras de Bartolozzi.

«Sacrificaria alguma coisa com prazer para voltar a Inglaterra, paiz com o qual contrahí tão grande divida de gratidão por todos os beneficios recebidos e os quaes nunca se apagarão de minha memoria. Humilmente pedirei sempre ao Todo Poderoso que o faça prospero como mereço.»

Depois, como velho rabujento, insiste em dizer que está pouco satisfeito com a vida que levava.

«Presentemente estamos aqui desprovidos, escreve elle, de todos os utensilios necessarios para o exercicio da nos-



ro. D'um máu desenho e d'um pessimo cobre resultou uma obra detestavel. E assim se vê um artista sacrificado.»

D'esta carta quizeram tirar extraordinarias conclusões. Os biographos, avidos sempre de episodios sensacionais nas vidas de seus biographados, indignaram-se com a ingratidão da Gran Bretanha por deixar assim morrer «em abjecta penuria» o grande genio que, mais do que nenhum outro do seu tempo, tinha contribuido para a educação artistica ingleza nas suas escolas de gravura. Eguamente



1—A Virgem, Menino Jesus e uma santa. Quadro de Antonio Allegri (Corregio). Um dos ultimos trabalhos de Bartolozzi, por concluir.

sa profissão: buris, verniz, papel de desenho e tinta de impressão.

«Tudo é muito caro e muito máu. Gravei uma das vistas de Lisboa. O cobre que me forneceram parecia cou-



2—Partida de Tobias acompanhado do seu Raphael. Desenho de Carlo Maratti, gravura de Bartolozzi.

se indignaram com «a traição» dos portuguezes, que, depois de terem atrahido o mestre ás suas palatas, deixaram morrer de miseria.

Mas a verdade é que estas apreciações são meramente phantasticas e absurdas. Os biogra-

3—Retrato de lord Wellington. Pintado por Pellegrini, gravura feita quando Bartolozzi tinha 83 annos de idade.



phos tomaram muito a serio as palavras de um velho e ra-  
zamento.

É um facto que Bartolozzi recebeu a pen-  
são do governo até á sua morte e é pro-  
vavel que tenha accresci-  
do o seu pecu-  
lio com ven-  
das de gravu-  
ras. Na verda-  
de torna-se di-  
gno de reparo  
que um homem  
de tal valor e  
que, produzira  
numero incal-  
culavel de gra-  
vuras muito di-  
vulgadas não  
tivesse morri-  
do com for-  
tuna.

Como elle ju-  
diciosamente  
nota, quem  
faz fortuna fo-  
ram os editores

das suas gravuras. Mas isso  
tambem se pôde attribuir, e em não  
pequena escala, ao temperamento do  
artista, muito descuidado e incom-



petente para fa-  
zer negocios.

Este feitiço pôl-o,  
infelizmente, á mer-  
cê dos commer-  
ciantes da especia-  
lidade e aconteeu-  
lho o que ainda ho-  
je succede a mu-  
itos artistas: re-  
ceber uma peque-  
na parte apenas do  
que lhe era devido,  
attendendo ao va-  
lor dos trabalhos.

Bartolozzi, n'este  
ponto, foi tão  
pouco afortunado  
como outros artis-  
tas e homens de  
letras; mas emfim  
é preciso não nos  
entristecermos com  
a ideia de que um  
homem tão cele-  
bre tenha morrido  
na penuria e sem  
nenhuma d'estas  
pequenas commo-  
didades que tanto  
contribuem para  
suavisar os ultimos

dias da vida.

Falleceu na sua casa da Travessa  
de Santa Quiteria, em Lisboa, no  
dia 9 de março de 1815, na idade



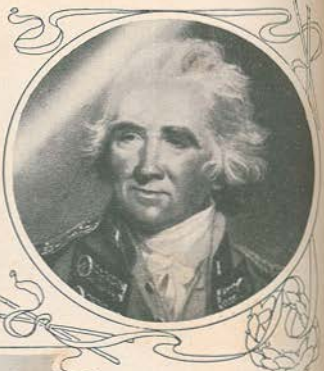
1—Retrato do aeronauta Vicente Lunardi com Georgi Biggin e madame Sage.

Desenho de Rigaud, gravura de Bartolozzi.

2—Embarque da familia real para o Brazil em 1807. Desenho do Evêque, gravura de Bartolozzi.



um illustre artista do tempo chamado Joseph Wagner. Dentro em pouco os seus trabalhos sobrepassavam os do mestre; tornava-se reparada a sua situação de artista que elle modestamente, mas conscio do seu valor, não queria alardear, até que enfim deliberou ir trabalhar para Milão, onde esteve até 1764. No fim d'este anno Bartolozzi installou-se nas vi-



de 88 annos, e foi sepultado na capella de Santa Isabel d'esta cidade.

**N. da R.**

Bartolozzi foi um dos primeiros, se não o primeiro gravador do seculo XVIII. A sua vasta obra o attesta. A pureza do seu desenho, a delicadeza da execução, todo o grande arrepto artistico que sahia do seu buril fizeram-no querido dos poderosos em Inglaterra e Portugal e tornaram-no celebre em toda a Europa.

Francesco Bartolozzi nasceu em Florença em 1728, mas aprendeu a sua arte em Veneza com



mento, lords e grandes senhores, quizeram possuir trabalhos seus, e assim elle executou grande numero de gravuras não só a buril mas tambem a agua forte. A sua obra consta approximadamente de setecentas gravuras feitas sobre as obras primas dos grandes pintores italianos, inglezes e francezes. Em 1802 veiu para Portugal, a convite do principe regente, assistiu ao desenrolar das scenas historicas que affligiram essa epoca, sendo amado e respeitado, querido com uma enorme admiração, devido á sua idade e á sua obra, a mais maravilhosa e vasta entre as dos gravadores do seculo XVIII.



zinhanças de Londres e dentro em pouco á sua porta paravam as segas da nobreza e dos ricos, entravam amadores na sua officina desejando vêr as suas feições reproduzidas nas estampas que o buril do illustre gravador immortalisaria. Alguns membros do parla-



1—Busto do retrato de lord Ashburton. Quadro de Reynolds. 2—Busto do retrato de sir Ralph. Quadro de Hoppner. 3—Um rei adorando os falsos Nomes. Quadro de Amiconi. 4—Busto do retrato de lord Elliot. Quadro de Poggi. 5—Busto do retrato de lord Mansfield. Quadro de Reynolds, gravuras de Bartolozzi. (Reprodução de gravuras do Gabinete das Estampas da Academia de Bellas Artes de Lisboa).—(Clichés de RENOULET.)